

O VOCABULÁRIO POPULAR NA ILHA DO PAVÃO

Denise Salim Santos (FACHA/UERJ/UNIG)

d.salim@globo.com

Nomear seres e objetos que estão a seu redor é a forma que o homem encontra para registrar seu conhecimento do mundo, sua interação com ele, para estruturá-lo a partir da percepção de diferenças e semelhanças presentes no mundo real que o cerca, classificando-as, apropriando-se da realidade no momento mesmo em que lhe atribui um representante sógnico que é a palavra.

Designa-se léxico ao conjunto de palavras de uma língua gerado *por atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência cristalizada em signos lingüísticos: as palavras* (Biderman, 1998, p. 11). Como patrimônio vocabular de uma determinada língua natural, é o resultado da história dessa língua, cujos elementos herdados, assim como seus modelos categoriais, possibilitam a geração de novas unidades lexicais, novas palavras.

Segundo Biderman (1998, p. 13), a etapa mais primitiva do conhecimento da realidade identifica-se com a organização do léxico básico de uma língua natural. Mas o ampliação progressiva do conhecimento da realidade e a conseqüente apropriação do mundo, como já foi dito, fez com que o homem desenvolvesse técnicas e construísse o conhecimento científico. Justifica-se desta forma a necessidade constante de expansão do repertório lexical para cobrir e registrar o avanço científico e técnico que se impôs às sociedades civilizadas, intensificada também pela velocidade frenética das mudanças sociais, da comunicação, do contato com outras culturas e a influência inequívoca dos meios de comunicação de massa. A possibilidade desse enriquecimento constante confirma a idéia de léxico como um sistema aberto a novos acréscimos, a outras adaptações, pois à medida que muda a realidade surge a necessidade de serem alteradas as representações que se fazem dela. E essas novas representações fixam-se no nível lingüístico através do léxico que reflete e refrata o modo como o grupo social vê e representa o mundo, servindo também *de mensageiro de valores pessoais e sociais que traduzem a visão de mundo do homem enquanto ser social* (Isquierdo,

LÉXICO E SEMÂNTICA

2004, p. 11) . Essa idéia também está presente em Michel Foucault em uma de suas reflexões sobre palavra e história natural e as coisas:

De sorte que não teria sido possível falar, não teria havido lugar para o menor nome, se no fundo das coisas, antes de toda representação, a natureza não tivesse sido contínua. [...] As coisas e as palavras estão muito rigorosamente entrecruzadas: a natureza só se dá através do crivo das denominações, ela que, sem tais nomes, permaneceria muda e invisível, cintila ao longe por trás deles[...] (Foucault, p. 1999, p. 222)

Léxico, então, deve ser compreendido como a totalidade de palavras de uma língua ou o saber interiorizado por parte dos falantes dessa língua. Estudá-lo é uma forma de resgatar a cultura dos grupos sociais, traduzindo a maneira como as sociedades percebem o mundo em que estão inseridas nas diferentes etapas de sua história e de sua constituição.

A delimitação das noções palavra como unidade constituinte do léxico provoca entre lingüista ampla discussão na tentativa de apresentar critérios e estratégias eficientes.

Do ponto de vista da significação, Mattoso Câmara denomina usa o termo “palavra” para designar o vocábulo lexical, sendo este o que encerra um semantema, em oposição ao vocábulo de significação apenas gramatical (Câmara Jr. 1974, p. 387-389). Do ponto de vista formas diz-nos o lingüista:

Ao contrário do critério fonológico que rege a nossa escrita, procurando representar aproximadamente os fonemas pelas letras e dividindo suas seqüências e acordo com as sílabas, a apresentação do vocábulo na escrita se faz pelo critério formal. Deixa-se entre eles, obrigatoriamente, um espaço em branco, porque mesmo quando sem pausa entre si num único grupo e força cada um é considerado uma unidade mórfica de per si. (Câmara Jr., 2000, p. 69)

José Lemos Monteiro em seu livro *Morfologia Portuguesa* (Monteiro, 2002, p. 12) afirma que *muito comumente os termos vocábulos e palavras são usados indistintamente para designar um conjunto ordenado de fonemas que expressam um significado*. Mas firma posição com Mattoso Câmara quando considera palavra somente os vocábulos que remetem a significados lexicais (os lexemas) e deixa o termo vocábulo para recobrir as outras formas da língua que funcionam como “instrumentos gramaticais” (preposições e con-

junções, por exemplo) e cujos significados são de natureza gramatical e não lexical.

Herculano de Carvalho (Carvalho, 1974, p. 578-579) também distribui as palavras em duas classe básicas: a dos lexemas, na qual estarão presentes os termos que têm significação objetiva e dos categoremas, cujos termos têm de significação gramatical. Carvalho define o léxico de uma língua como sendo a reunião das duas grandes classes ou conjuntos de palavras: as palavras lexicais, como inventários abertos e as palavras gramaticais como inventários fechados, deixando registrado que *as duas classes[...] coincidem, em traços largos, com respectivamente a dos lexemas e categoremas*.

Bernard Pottier acrescenta a noção de lexia e faz a distinção dos três termos- lexia vocábulo e palavra- a partir do plano do significado. As lexias resultam da combinatória de dois signos mínimos: o signo lexical e o signo gramatical. As lexias lexicais compreendem a classe das designações que Herculano de Carvalho explica como “termos de significação objetiva”, e são responsáveis pela representação dos referentes *antropo-sócio-culturais, geradores e refletores da visão do mundo de um determinado grupo. Os vocábulos seriam as inúmeras unidades lexicais de norma do discurso que condicionam a atualização das lexias no comportamento lingüístico dos usuários, variável de indivíduo para indivíduo* (Turazza, 1996, p. 77). No nível da fala, palavra corresponderia a cada atualização de uma lexia fixada pelo uso, ou seja, devidamente lexicalizada. Para o Pottier, lexia é a entidade memorizada; o vocábulo é a lexia tal como esta se apresenta em dicionários; e a palavra será, então, a lexia atualizada nos enunciados.

Genouvrier e Peytard distinguem léxico de vocabulário. Para eles, o léxico é o conjunto de todas as palavras que num momento dado estão à disposição do locutor: são as palavras que ele oportunamente emprega, compreende e que constituem seu léxico individual. Vocabulário é o conjunto de palavras que efetivamente são empregadas por um locutor num ato de fala determinado e corresponde à atualização de uma certa quantidade de palavras pertencentes ao léxico individual do locutor. O vocabulário é sempre parte do léxico individual, que por sua vez também é parte do léxico global, ponto extremo da cadeia, na qual se pode inventariar *uma soma con-*

LÉXICO E SEMÂNTICA

siderável de palavras num período historicamente determinado (Genouvrier & Peytard, s./d., p. 279-280)

Acatar a noção de vocabulário como conjunto de palavras que efetivamente são empregadas pelo usuário num determinado ato de fala facilita entender que a seleção deste ou daquele item lexical na construção de um enunciado pode ter a influência de vários fatores diatópicos, diastráticos ou diafásicos (idade, sexo, raça, cultura, profissão, posição social, comunidade em que vive etc.) construindo a identidade desse enunciador ou a preocupação do enunciador fazer-se entender, aproximar-se do enunciatário.

Considerando-se uma mesma comunidade, é possível estabelecerem-se pelo menos duas variedades de linguagem coexistentes, desempenhando cada uma delas um papel específico: culta ou padrão e popular. Para a materialização enunciativa de cada uma delas percebe-se um tratamento vocabular diferenciado. Numa atividade linguageira em que se faz necessário o uso do padrão culto, o vocabulário empregado é mais variado, havendo um cuidado maior com a precisão dos significados. A possibilidade de empregarem-se termos técnicos também está presente. Quando a atividade enunciativa se presta a reproduzir o uso popular, o vocabulário presente tende a menor variação, os termos empregados têm significados menos precisos, sendo recorrentes as palavras *omnibus* como *coisa*, *negócio* ou as de uso mais informal como *troço*, *treco*, *bagulho*, para nos mantermos no plano semântico das palavras “que servem para tudo”. Em enunciados dessa natureza o palavrão, as palavras obscenas, as injúrias, os xingamentos terão trânsito mais livre.

No entanto é possível detectar elementos que se apresentam simultaneamente no ato de fala culto e no ato de fala popular. Pretti (2003, p. 31), antes de referir-se ao tratamento vocabular, faz referência à existência de um dialeto social culto e a de um dialeto social popular e propõe *o estabelecimento de um dialeto social comum* em que estariam presentes todos os fatos lingüísticos que ocorrem nos dois dialetos. Transpondo-se a idéia para o plano vocabular, tem-se que esse dialeto comum apresentará unidades lexicais pertencentes às duas variedades de uso da língua: a padrão e a popular. O próprio falante tem a percepção de que há palavras que frequentam os diferentes tipos de enunciados e outras que só se materializam em condi-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ções discursivas especiais. As mais presentes seriam entidades léxicas do vocabulário comum, usual, enquanto as menos frequentes se distribuiriam entre o uso padrão ou uso popular. Assim, o vocabulário comum além de ser o lugar de encontro de maior parte das palavras da língua também serve de parâmetro para distribuição dos termos em cultos e populares.

Genouvrier e Peytard procuram caracterizar esse vocabulário comum ou “médio”, como o classificam, reproduzindo as idéias de Charles Bally e acrescentando outras, citadas a seguir:

[...] o sentimento de freqüência maior ou menor no uso de determinadas palavras reflete a existência de uma língua comum que reflete, num grupo lingüístico dado as formas constantes da vida humana e social; todas as formas de expressão utilizadas para empregos mais limitados, ou próprios de grupos mais reduzidos ficam a ela a subordinados. (Genouvrier & Peytard, s./d., p. 286-287)

Destacam os lingüistas que a língua comum “tem horror ao preciosismo da expressão”, tende a unificar os matizes sinonímicos e expressar cada coisa de uma só maneira. As formas que não são sentidas como pertencentes ao vocabulário da língua social ou dialeto social comum são considerados por eles como desvios. O uso de certos vocábulos mais raros, mais preciosos, que joga com matizes para construir efeitos de sentidos especiais, por exemplo, ficaria no nível formal da língua culta. Já o emprego de um vocábulo familiar, mais distenso, em que estão presentes bem ao extremo as gírias, é viável, desde que não constituam obstáculos ou sofram interdição pelas normas do grupo.

Num obra de ficção em que as personagens pertencem a estratos sociais diferenciados, como é o caso do romance em estudo, detectam-se várias passagens que servem de exemplo às três modalidades de seleção vocabular: a culta, a popular e a comum. O escritor busca ou deixa-se apanhar pelas palavras que certamente estariam “na boca” de pessoas do mundo real com o mesmo perfil social e psicológico das personagens que desfilam diante do leitor durante a narrativa. Por exemplo: a existência de personagens populares, de pouca ou nenhuma escolaridade, fruto de um ambiente social menos favorável, cria a possibilidade de atos de fala desta natureza, como se pode verificar na fala da negra velha Clementina, uma das moradoras da Casa dos Degraus:

LÉXICO E SEMÂNTICA

– Se dessa vez não emprenhar, não emprenha mais nunca – disse Clementina – desde ontem que eles estão na safadagem. Se fosse Naná, já tava com pelo menos dois no bucho, com tanta socação. (FIP, p. 20)

– Naná dá sorte. Tu veja como é as coisas. Naná pelejou pra conseguir que ele quisesse ela, passou mais de cinco mês se entupindo de banna de porco, cabaú e farinha pra engordar e crescer a bunda, só faltava esfregar o rabo nele toda vez que podia e da primeira vez que ele pegou nela foi ela que puxou ele no banho salgado, todo banho salgado ela metia a mão por debaixo dele. (FIP, p. 20)

Nesses excertos há um conjunto de elementos lexicais característicos do dialeto social popular que têm seus correspondentes sinonímicos no dialeto social culto:

Dialeto social popular vocabulário popular	Dialeto social culto vocabulário culto
emprenhar	engravidar
safadagem	libertinagem, devassidão
bucho	ventre
pelejou	insistiu
se entupindo	fartando-se
bunda	nádegas

No *Dicionário Houaiss* o verbete “emprenhar” assim se apresenta:

□ verbo

transitivo direto, transitivo indireto e intransitivo

tornar(-se) prenhe (mulher ou fêmea); fazer conceber ou conceber; engravidar

Ex.: <emprenhou-a antes do casamento> <emprenhou de um desconhecido> <emprenhou muito jovem> <custou muito a e.>

Semanticamente o verbo *emprenhar* equivale a *engravidar*. Interessante observar que a datação do primeiro é registrada no séc. XIII e o seu sinônimo data de 1958, apenas, não havendo nenhum registro que determine o primeiro como termo informal, como ocorre com em vocábulos como *safadagem*, *bucho*, *bunda*, todos dicionarizados. Algumas hipóteses podem ser apresentadas para o fato: i) o termo faz parte do vocabulário comum ; ii) a presença dos demais termos informais, que chamaríamos de populares, acrescentariam esse traço discursivo –informal ou popular_ à palavra, deixando para o discurso social culto o emprego do termo *engravidar*; iii) o texto narrativo apresenta elementos que o delimitam temporalmente como

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

passado num período que corresponderia a alguns séculos atrás. A personagem habita uma ilha, mais isolada que outras ilhas. A presença do colonizador é forte. Portanto, *emprenhar* pode ser um daqueles vocábulos, tal qual se argumenta quando se fala em dialeto caipira, que se fixou no falar popular e ali se manteve deslocando-se do vocabulário culto para o vocabulário popular com emprego pejorativo: mulher que reproduz como as fêmeas de animais. Além disso, o termo *engravidar*, segundo a datação tem vida muito mais recente que *emprenhar* e não faria parte historicamente de nenhum dos dialetos em questão. Portanto, não teria razão de ser a sua presença no enunciado. Eis aí o cuidado do escritor com a seleção vocabular devidamente enquadrada no tempo da história.

Com relação ao termo *safadagem*, embora se possa imaginar que esta palavra seja um neologismo criado pelo escritor, resultante do cruzamento das formas *safadeza* (dicionarizada sem a rubrica “informal”) + *sacanagem* (com a rubrica “informal ou tabuísmo”) o que de fato ocorre é que o termo está registrado em DH¹⁸ com a rubrica “uso informal” e apresenta etimologia *safado*+*agem*, num processo regular e freqüente de formação de palavras como ocorre com *libertino*(adj.)+*agem*→ *libertinagem*.

Quanto ao verbo *entupir-se*, registram-se expressões sinônimas, inclusive a que oferecemos, como pertencente ao vocabulário culto, ambas sem qualquer rubrica. Não se pode negar, porém que o contexto em que foi empregado “entupir-se de banha de porco” atribui-lhe um traço pejorativo caracteristicamente popular.

Na sexta edição do “Novo dicionário da língua portuguesa”, de Cândido de Figueiredo, encontramos o vocábulo *pelejar* concorrendo com *pelear*, que é de etimologia espanhola, ambas abarcando o significado “lutar; combater; batalhar; insistir muito”

No entanto, assim como em DH, apenas nas formas *pelear* e seus derivados está presente a rubrica *regionalismo*: *Santa Catarina, Rio Grande do Sul*. Desta forma, *pelejar* pertenceria ao paradigma

¹⁸ A partir de agora será usada a sigla DH como referência ao *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*

LÉXICO E SEMÂNTICA

dos vocábulos comuns, uma vez que no contexto em que aparece não seria pertinente classificá-lo como culto.

Registram-se também no discurso também duas expressões freqüentes no uso popular que também têm seu correspondente culto:

esfregar o rabo: encostar-se

meter a mão por baixo: tocar, acariciar

Pelos poucos exemplos acima, vê-se a complexidade de se afirmar que uma palavra pertence exclusivamente a um vocabulário apenas. De fato, há um conjunto delas que se separa naturalmente. Mas há outros, limítrofes, que deixam o pesquisador de sobreaviso e dele exige cuidado no sentido de não se precipitar em fechar conclusões:

– Porção de *como*, não, *como* não é eles, eles tão é no proveito e ainda papando as mulheres. Corno é Iô Pepeu, que pensa que as mulheres é só dele e inda dá sustento a elas. Casa de Chão de lajota e telhado amouriscado não é todo mundo que tem, não. Papa fina, sabão nem de sebo nem de peixe, de sabão e coco fino, água de cheiro, bugiaria do pé à cabeça, muito respeito e compra na conta... aquela que bem dá o seu bem-bom. Bem da boa ficará!

CORNO

□ substantivo masculino

1 Rubrica: anatomia zoológica.

cada um dos dois apêndices ósseos presentes na parte superior da cabeça de muitos ungulados; nos bois, cabras e antílopes é permanente, não ramificado e revestido por uma bainha rígida de ceratina; nos veados é ramificado, trocado anualmente e revestido por pele [sin.: aspa, binga, chavelho, chifre, galho, guampa, guampo, haste]

adjetivo e substantivo masculino

Uso: informal ou tabuísmo.

16 que ou aquele que é traído pela mulher (diz-se esp. de marido, companheiro ou namorado); cornaça, cornudo, guampudo

Em DH, o vocábulo *como* em primeira acepção é termo pertencente a uma língua de especialidade, a zoologia. Já na acepção 16 nota-se uma alteração de sentido em função do uso que se faz dela. Melhor dizendo, há lugar para o emprego de cada uma, mas no e-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

nunciado, apenas um deles se atualiza. Neste caso, no entanto, o escritor transgredir e rejeita as 17 acepções que estão dicionarizadas e propõe um novo sentido para a palavra: “corno é quem se deixa explorar por aquele que pensa estar explorando”. Desloca-se do eixo semântico da palavra a idéia de traição pela mulher em relação ao marido, companheiro ou namorado, como cita o verbete, para que ele seja marcado pelo traço “homem que é explorado pecuniariamente pelos companheiros das amantes, porque “eles (os companheiros) *estão no proveito*”. *Estar no proveito* em lugar de *aproveitam*, ou *aproveitam-se* também assinala a existência dos dois vocabulários o informal, no primeiro caso e o culto, no segundo.

Tarefa mais complexa é procurar correspondência no vocabulário popular para certos itens lexicais que pertencem ao vocabulário culto. Talvez o peso da tradição ou mesmo o arranjo mais complexo dos enunciados de certa forma dificultem o trabalho de substituição pelo falante, mas não o do escritor que os emprega com maestria como traço construtor de suas personagens.

Sim, a *peleja* já se antevia na palidez das feições, na gravidade dos semblantes e na aparência pejada exibida por tudo o que se olhava ou tocava. Convocado pelo intendente Felipe Mendes Furtado, o mestre-de-campo Borges Lustosa, no salão nobre da Câmara, debruçado sobre cartas e plantas, em enfardamento de gala vastamente amealhado e um chanfallo descomunal à cinta, no qual ele, por ser pouco mais alto que um pé de bredo, volta e meia dava uma topada, procedia o exame das estratégias e urdiduras a serem empregadas na manhã seguinte, vencidos os três dias de prazo para que os índios voltassem para os matos. Com a milícia e a guarda arregimentadas e acantonadas no campo da Fortaleza, dispunha o mestre-de-campo de bem uns trezentos homens em armas, se bem que a mor parte deles não portassem armas, além de facões, espadas cegas e alabardas *do tempo de Dom Corno*. Mas contava-se com dois falconetes já guarnecendo o portal da Câmara, apropriadamente embuchados e em plena condição de fogo, conquanto a pólvora do paiol da guarda estivesse ensolvada. Mas os milicianos Domitilo e Cosme, artilheiros recém-nomeados, orgulhosos de sua posição e ansiando ver o que aconteceria ao darem um tiro de canhão nos índios, aproveitaram a pólvora dos foguetes de festa da paróquia, reforçando muito a

LÉXICO E SEMÂNTICA

carga, porque a pólvora de foguetes de festa é certamente bem mais fraca do que pólvora de tiro.(IFP, p. 60-1)

Nesse parágrafo encontramos o narrador envolvido na tarefa de descrever, detalhadamente, a cena em questão, na qual estão envolvidos o mestre-de-campo e o intendente da ilha, para planejarem estratégias de expulsão dos índios “para os matos”.

Diferentemente do que se observou na análise do vocabulário empregado nos discursos de Crescência e Clementina, o grau de formalidade da situação exigirá um outra seleção vocabular.

Os adjetivos *pejadas* (carregadas), *ensolvadas* (umedecidas) são exemplo de um vocabulário culto assim como substantivos *urdi-dura* (trama), gravidade (seriedade). *Mestre-de-campo*, termo empregado para designar, no período colonial, o posto militar correspondente a coronel, *alabardas*, *chanfalho* são termos com baixa frequência no uso comum diferentemente dos itens lexicais *facões*, *espadas*, *pólvora*, *paíol*, *canhão*, *tiro fardamento*, *guarda*, *estratégias* de uso mais freqüente que, presentes no mesmo contexto, remetem ao campo léxico-semântico de atividade militar, assim como os adjetivos *arregimentados* e *acontonados*, sendo que, somente o segundo recebe no DH a rubrica de “termo militar”.

Retomando a palavra *pelejar*, observa-se que ela está presente tanto no dialeto social popular de Clementina quanto no dialeto social culto do metre-de-campo, mas a situação de uso e o contexto em que aparecem é que determinam o sentido que cada uma assume, assim como o maior ou menor nível de formalidade a ela atribuído. Pensamos que o fato de ela estar presente nos dois enunciados não a inclui no vocabulário que Dino Pretti e Genouvrier e Peytard chamam de “comum” ou “médio”. Em ambos os casos a restrição de sentido imposta pelas condições do discurso inibem tal inclusão. O leitor certamente perceberá o emprego popular por extensão de sentido “insistir demasiadamente para alcançar um objetivo” na fala de Clementina e o emprego culto no discurso do narrador “luta, batalha”.

Dino Pretti, em seu artigo “Variação lexical e prestígio social das palavras” (Pretti, 2003, p. 56) aborda o fato de existir hoje uma aceitabilidade maior quanto à presença de gíria e “palavras obscenas” nos textos escritos da mídia e na literatura atribuindo tal com-

portamento a mudanças de comportamento social, pois *dentro dos padrões mais liberais da vida moderna, esses vocábulos acabam adquirindo um valor catártico para aliviar a tensão social, marcar a luta de classes, extrapolando das chamadas 'classes baixas' (entenda-se economicamente inferior) para outras classes*. A análise do lingüista sobre o assunto nos levaria a concluir que os palavrões, e também as gírias, deveriam estar incluídos no vocabulário comum. No entanto, comumente gíria e palavrão constituem um repertório com menos prestígio social, ou pelo menos, não há expectativa de encontrá-los no meio de um discurso que não seja considerado informal, distenso, o que, de certa forma, restringe a presença dessas formas no vocabulário comum. Deduz-se que, em relação ao uso de palavras obscenas ou de baixo calão deve-se levar em conta a expectativa do interlocutor e a situação discursiva em que são empregadas.

Em “O feitiço da ilha do Pavão” encontramos alguns itens lexicais dessa natureza, como ocorre nesta passagem em que o narrador faz a intermediação entre o pensamento da personagem Capitão Cavallo e o leitor:

Numa hora como a que estavam vivendo, aqueles asnos empoados tinham resolvido procurá-lo, para lhe infernarem a paciência e lhe fazerem propostas esmioladas [...] Podia dizer-lhes que *fossem à merda*, que agora tinha seu filho para preocupar-se, mas resolveu ser paciente e não tocar nesse assunto. (FIP, p. 154)

Através do discurso indireto, o narrador exterioriza a tensão da personagem através da expressão *fossem à merda*, expressão que é pensada e não dita. por Capitão Cavallo, o homem maior prestígio da ilha, respeitado pelas autoridades instituídas da Vila de São João Esmoler presentes ali, naquele momento, para aplacar sua impaciência diante de pessoas pouco agradáveis, fato denotado pelos sintagmas “asnos empoados” e “propostas esmioladas” e pela forma verbal “infernarem”.

Na voz do índio Tantanhengá, este revoltado por saber que seu povo seria expulso da vila e obrigado a voltar “para os matos”, encontramos outras ocorrências de palavrão:

– Cadê tendente? Cadê Dão Filipe de Meulo Furutado? Cadê condenado pecador, tenente estrumo? [...] Donde que saiu? Saiu de cu, bosta sem mistura, bosta pura! Fio arrejitado de sarigéia amolestosa, bixi-

LÉXICO E SEMÂNTICA

guento! Cadê tendente? Nós mandava antes de branco parecer! Vão-te à merda do caraio da postema da barbaridade! Dismigaia moleira, come nariz, chupa olho, capa zovo, enfia porrete no rabo [...] (FIP, p. 36)

Tem-se presente neste excerto várias palavras já cristalizadas pelo uso como palavrão: *cu*, *merda* (na expressão *vão-te à merda*), *caraió*, *zovo*. Mas outras há também de baixo prestígio pelo referente que simbolizam: *bosta*, *rabo*, *postema* (lembrando pus, secreção), *bi-xiguento* (remetendo à doença bexiga ou varíola), todas de significado de baixo prestígio social. Neste caso, não há intenção de controlar o discurso. As palavras que são empregadas são efetivamente formas de exteriorização psíquica ou exercício da função emotiva da linguagem. Chama atenção neste caso a seleção empregada da seqüência caótica de palavras “*Vão-te à merda do caraio da postema da barbaridade!*” que constrói, de fato, uma vez que os itens que estão presentes não acrescentam significados individualmente, mas constroem um único significado.

As palavras de baixo calão se apresentam nos dois discursos, sendo que na primeira análise leva em conta a expectativa dos interlocutores e embora o palavrão seja pensado, não é dito. Apenas Capitão Cavaló, o narrador e o leitor sabem disso. E o escritor, naturalmente. Na segunda, como a personagem não tem compromisso com a censura, com os preceitos morais da comunidade, e essa é uma das razões por que ela e seus irmãos de sangue estão sendo expulsos da vila, os termos aparecem explícitos no enunciado, ainda que a carga ofensiva que contêm seja diluída por uma farta dose de humor que caracteriza a exacerbação do índio, concretizada mais ainda pela série de palavras selecionadas para compor os enunciados, predominantemente pertencentes a um vocabulário popular como a forma variante de *filho* por *filho*; um sinônimo popular para “cérebro”, *miolo*; e uma “forma diacrônica” para “rejeitado” (*arrejeitado*) etc. Sobre a palavra *arrejeitado*, verificamos que existe no DH uma entrada lexical cuja a acepção não corresponde ao sentido com que empregado no texto. O que se vê em *arrejeitado* é a ocorrência de prótese em “rejeitado”, comportamento fonético comum na língua popular.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

arреjeitado □ adjetivo

Diacronismo: antigo.

lançado para longe; arremessado.

O que podemos concluir desse levantamento é que não existe um vocabulário apenas que englobe todas as palavras indistintamente. Isto é da competência do léxico geral. Há, de fato, alguns termos que estariam melhor reunidos sob a etiqueta de vocabulário popular e outros que constituiriam um vocabulário culto. Não se questiona a existência um vocabulário comum que se fixa como referência para o estabelecimento dos outros dois. Fica evidenciado também que a pertinência a um dos tipos não exclui a possibilidade da presença de palavras em discursos de outra natureza, pertencentes a outros dialetos sociais. Cabe ao talento, à perspicácia e à competência vocabular do escritor explorar os três conjuntos e deles aproveitar a melhor maneira de construir um texto literário de qualidade que dê prazer a seu leitor. E neste caso se inclui João Ubaldo Ribeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, J.G. H. *Teoria da Linguagem. Natureza do fenômeno lingüístico e a análise das línguas*. 4ª tiragem emendada. Vol. I. Coimbra: Atlântida, 1979.

GENOUVRIER, E. e PEYTARD, J. *Lingüística e ensino de português*. Coimbra: Almedina, s/d.

KOCK, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

PRETTI, D. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

———. *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003

———. *Sociolingüística. Os níveis de fala*. 9ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: USP, 2003.

LÉXICO E SEMÂNTICA

OS NOMES NA LITERATURA

Maria Lucia Mexias-Simon (USS)
mmexiassimon@yahoo.com.br

Dou-te leitor um enigma; dou-te, também, a chave; decifra-o, se quiseres devorar-me; e, se me devorares, uma coisa pelo menos terás; o nome próprio, caminho da gazuas da máquina do meu mundo. (HOUAISS, Antonio. Prefácio a *Recado do nome*. In: MACHADO, 1976, p. 7)

O nome próprio pode ser apenas considerado uma seqüência fônica, destituída de significado, um índice, ou mesmo, um pronome com nome comum. Em situações reais, como já foi dito, uma seqüência como /j/o/s/é/ será tudo que se quiser atribuir: o vizinho, o diretor-da-escola, o-homem-que-passeia-com-o-cachorro, inclusive uma vaga relação com nome tipicamente brasileiro, o Pai de Jesus Cristo etc. Acrescentem-se variações que vão de: Exmo. Sr. Dr. José Pereira a Zeca, Zezé etc. A cultura permite as associações, a fala permite esses recursos, tornando o /j/o/s/é/, ao mesmo tempo, particularizado e polissêmico, unívoco e plurivalente.

No discurso literário, os recursos envolvendo o meio lingüístico, mítico, histórico, em que vivemos, são empregados pelos autores (sempre de forma consciente), desconhecidos, ou não, pelos leitores, mas sempre delineando uma trilha pela qual o destino dos personagens se desenvolve.

Observa B. Bettelheim:

Os anões simbolizam uma forma de existência imatura e pré-individual que Branca de Neve deve transcender. Por isso, o fato de dar um nome próprio e uma personalidade individual a cada um – como fez Walt Disney no seu filme – quando no conto de fadas todos são idênticos, interfere seriamente na compreensão inconsciente desse simbolismo. (1997, p. 100)

Ainda em relação aos contos de fadas, registram-se versões diversas de nomes, segundo maior ou menor a impressão do detalhe

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

observado. Por exemplo, a nossa conhecida Bela Adormecida¹⁹, com referência à beleza e à impassibilidade, em alemão se torna *Dornröschen* (rosinha espinhenta) com referência à inacessibilidade, relacionada à virgindade.

O universo literário é espelho do universo chamado real. Baseia-se sobre uma realidade social e cultural, com tudo que ela apresenta. Mas esse reflexo cristaliza-se, cancela-se, perdura e os personagens ganham quase autonomia, seu destino extrapola os limites do texto em que foram produzidos. Muitas vezes, para encontrar-lhes a raiz é necessário um trabalho de arqueologia. Outras vezes, a raiz é por demais evidente.

De quaisquer formas, o nome do personagem ganha concretização, se já não a possuía. E um recado do autor aos leitores, traça o caráter dos personagens, é parte da trama, vai se transformando em signo lingüístico pleno, com significante e significado, se não inteligido, ao menos intuído. Já Aristóteles, afirma:

...é somente após ter composto uma história por meio de ações verossímeis que os poetas cômicos dão a seus personagens nomes tomados ao acaso, contrariamente aos poetas jâmbicos, que compõem a partir de nomes únicos.

Na tragédia, por outro lado, o autor se limita a nomes de pessoas que existiram; o motivo está em que o possível é verossímil; se nós acreditamos na verossimilhança dos fatos que não aconteceram, claro está que aqueles que aconteceram são, forçosamente possíveis, pois se fossem impossíveis não teriam acontecido.

Entretanto, em algumas tragédias, um ou dois nomes somente fazem parte dos nomes conhecidos, enquanto que os outros são inventados; em algumas mesmo, não há um único nome conhecido. (1997, p. 24-25)

Portanto, os nomes nas tragédias clássicas são poucos e se repetem. Seria impossível esses nomes não se cristalizarem, chegarem até nossos dias, perpassando-se às ciências humanas, técnicas e até mesmo a expressões populares: complexo de Édipo, Eletra > eletricidade, Ion > ionização, boca de Cassandra > boca de çapa.

Contemplando eras até mais remotas, é fato estabelecido que

¹⁹ Os nomes dos personagens da literatura pertencentes a obras que não constam na bibliografia foram, por mim, extraídos da memória pessoal.

LÉXICO E SEMÂNTICA

as línguas começaram a se sistematizar por suas manifestações ditas literárias, *lato sensu*; nas cantilenas, nas fábulas, nos jogos de palavras. Desse material, profundamente enraizado nas diversas culturas, afloram as situações e os personagens da literatura *stricto sensu*, sendo esses evidentemente arquetípicos, pontas de icebergs, conjunto de semas, obrigatoriamente portadores de um nome que os aponte.

Esse apontar é por vezes óbvio, pode ser observado:

1 – No seu aspecto meramente fônico, paronímico:

- Jane Eyre – ar, leveza – Charlotte Bronte
- Ariel – espírito do ar – Shakespeare
- Heliodoro e Leandra – enleiam-se no decorrer da história – Guimarães Rosa

2 – Na composição do nome, com elementos preexistentes na língua, ou não:

- Dionora – nora de Deus – Guimarães Rosa
- Riobaldo – caminhante frustrado – Guimarães Rosa
- Qualhacoco – indica sua tarefa – Guimarães Rosa
- Heathclift – penhasco baldio – Emily Brontë
- Goldfinger – dedos de ouro – Ian Flenning

3 – Por simples onomatopéia, ou sinestesia:

- Joãozinho Bem-Bem – ruído das balas disparadas – Guimarães Rosa

- Dão Lalalão – “o amor é Dão Lalalão” langor, malemolência – Guimarães Rosa

- Laudelin → Laud’lin – faz a coleta nas igrejas – Guimarães Rosa

- Humpty-Dumpty – “quando Alice o encontra, imediatamente o reconhece “como se o nome estivesse escrito na sua cara”. E ele lhe diz que um nome sempre precisa significar alguma coisa: “meu nome significa a forma que eu tenho” – L. Carrol

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- Taras Bulba – batata – Gogol

4 – Por anagrama:

- Iracema – América – José de Alencar

- Caliban – Canibal – Shakespeare

5 – Pela simples leitura traduzida do nome:

- Lucy Frost – geada – Charlotte Brontë

- Capitão Nemo – ninguém – Júlio Verne

- Miranda – a que deve ser admirada – Shakespeare

- Le Chifre – o algarismo – Ian Fleming

- James Bond – ação, bônus – Ian Fleming

- Moacir – filho da dor – José de Alencar

- Maria da Glória – luminosidade – Guimarães Rosa

- Maria Behú – tristeza, obscuridade – Guimarães Rosa

- Flosino Capeta – maldade – Guimarães Rosa

- Maurício – árvore rija (*Mauritia vinifera*) – Guimarães Rosa

- Dona-dona – a proprietária – Guimarães Rosa

• Federico Freyre (composição) – rico, digno de fé – Guimarães Rosa

- João Carcará – rapina – Guimarães Rosa

- Diva – altivez – José de Alencar

- Til – a alfabetizadora – José de Alencar

- Bentinho – o consagrado – Machado de Assis

Exemplo notável de nome aderido à personagem encontra-se em Carmen, de Prosper Mérimée, depois retomado por Georges Bizet, em sua ópera. Em Horrocks, encontra-se:

Carmen is the title of the story and is a evocative choice. The Latin means:

LÉXICO E SEMÂNTICA

- i. a tune, song, train
- ii. a poem, epic and/or lyric
- iii. a response of an oracle, a prophecy, a prediction
- iv. a magic formula, incantation, charm
- v. a formula in religion, or law

There is also an association with the colour red, through the sufficiently homonymic *carmin*.²⁰

Carmen é o feitiço, a sedução, a hipnose. É, por outro lado, nome muito usado na Espanha, em lembrança ao Monte Carmelo, já citado no Velho Testamento, onde, por ocasião das Cruzadas, estabeleceu-se a ordem dos Carmelitas, mais tarde forçada a direcionar-se para Ocidente. Há fusão e confusão entre as etimologias; de qualquer forma, *Carmen* é a *outra*, a estranha e desejada, a quem se quer apri-sionar e sobre a qual se deseja, em vão, legislar.

A falta, ou omissão do nome também podem ser significativas:

No nome de iá-Dijina não se tocava, ficava em lugar dele uns espaços de silêncio” – Guimarães Rosa – *Noites do sertão*, p. 184.

como é mesmo o nome dela... Como é, Lala, me conta o nome dela... Lalinha hesitou – não fosse aquilo a sério – Guimarães Rosa – *Noites do sertão*, p. 169.

Em *A dona da história*, de João Falcão, a personagem central, interpretada por duas atrizes, dialogando consigo mesma, em nenhum momento declara seu nome. São nomeados: a amiga (Maria Helena), o namorado, depois marido (Luis Cláudio) o vizinho (seu Antônio), o cachorro (Rex), e os filhos (Luís Claudinho, Claudinho Luís, Cláudia Luísa e Luísa Cláudia). Fica bem evidente o quão pouco a personagem foi dona de sua história.

A mudança de nome também ocorre de maneira significativa:

Silvino, depois Irvino: filho de Heliodoro Maurício, em *Noites do sertão*, rejeita o sistema onomástico vegetal da família e desa-

²⁰ Carmen é o título e é uma escolha evocativa. O latim significa: balada, canção; um poema épico e/ou lírico; uma resposta de um oráculo, uma profecia, uma predição; uma fórmula mágica, encantamento, feitiço; uma fórmula em religião ou lei. Há também uma associação com a cor vermelha, através do homônimo correspondente *carmim*. (Cf. Palty, p. 37)

parece.

Personagens trocam de nome quando desejam praticar façanhas sem que seus próximos saibam quem as pratica, convivendo com os dois nomes. É o caso de muitos *super-heróis*, como Zorro etc. Guimarães Rosa também o coloca, quando Reinaldo confessa a Riobaldo “meu nome mesmo é Diadorim”. – *Grande Sertão: Verdades*. (na verdade, seu nome era Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins, pouco compatível com sua condição de guerreiro – parênteses meus) É situação diversa do personagem que muda de nome, renegando o passado.

Autores que merecem consideração à parte, pelo grande número de nomes inventados para seus personagens são os comediantes latinos Tito Macio Plauto e Publius Terentius Afer Em Plauto, encontramos nomes próprios que passaram a nomes comuns como:

- Sósia – do grego – o que salva – ganhou sentido de pessoa muita parecida com outra, por ter-lhe o deus Mercúrio usurpado as feições a fim de pregar peças. – *Anfitrião*.

- Anfitrião – recebeu, forçosamente, Júpiter, em sua casa; ganhou significado de pessoa que recebe hóspedes. – *Anfitrião*.

Outros nomes são, evidentemente, formados *ad-hoc*:

- Blefarão – que pestaneja – o enganador – *Anfitrião*
- Brômia – que vibra – salva as situações – *idem*
- Megadoro – grandes dons – homem rico – *Aululária*
- Dromão – que corre muito – um servo – *idem*
- Eunômia – boas leis – dá bom conselho – *idem*
- Congrião – grande congro – o cozinheiro – *idem*
- Filopólemo – que gosta de guerra – o guerreiro – *Os cativos*
- Filócrates – que gosta de mandar – comanda a ação – *idem*
- Aristófão – que se melhor mostra – o vaidoso – *idem*
- Ergásilo – que gosta de trabalhar – *idem* – o nome é irônico,

LÉXICO E SEMÂNTICA

pois o personagem nada faz

- Estalagmo – que goteja – escravo ladrão de crianças – *idem*
- Gorgulho – o parasita – *O gorgulho*
- Planéria – que anda errante – moça nobre, roubada para escrava, depois reconhecida – *idem*
- Brosse – escova – que come tudo, deixa os pratos limpos – *Os menecmos*
- Peniculus – um parasita – *idem*
- Erotium – um cortesão – *idem*
- Cilindro – o cozinheiro – *idem*
- Pseudolus – falsozinho – *idem*
- Calidoro – belo presente – *idem*
- Simio senex – macaco velho – pai de Calidoro
- Simio Sicofanta – *idem* – o segundo elemento tornou-se um adjetivo.

Em Terêncio, encontramos:

- Dêmea – que é popular – *Os adelfos*
- Cântara – que dá de beber – *idem*
- Pânfila – amiga de todos – *idem*
- Calídia – a bela – *idem*
- Antifão – fala contra – *O eunuco*
- Dórias, Doro – presentes, dons – *idem*
- Gnatão – que tem grande queixo – *idem*
- Parmenão – que fica ao lado (do amo) – *idem*

Como se pode observar, alguns nomes formaram-se do grego, outros são de origem latina. A comicidade, em alguns casos, caía bem, dado tratar-se de comédias (lembrando-nos de que, no teatro

grego, comédia era a representação que acabava bem). Era um agrado ao público, que visava a um divertimento. O uso de nomes gregos deve-se ao fato de ser esse idioma do conhecimento dos autores, como também de grande parte da platéia.

Em *Todos os nomes* - José Saramago trata exaustivamente da questão. O personagem principal é o único nomeado – José. Nome muito usual, sobretudo na língua portuguesa, sem sobrenome, José, funcionário do que chamamos Registro Civil, perde-se, física e mentalmente, no labirinto de documentos, onde se registram os nomes dos cidadãos. Os registros das pessoas vivas estão acomodados em estantes desconfortáveis; nos registros dos mortos “... a partir de certa altura, começa a reinar a escuridão... menos bem acondicionados do que deveria permitir o respeito” (p. 14). Em certa ocasião, um pesquisador perdeu-se entre as estantes, lá ficando uma semana, sem água, sem luz, meio delirante, vivendo de ingerir enorme quantidade de papel velho. Desse dia em diante, quem tivesse que ir à seção dos mortos, deveria levar um fio atado ao tornozelo: o fio de Ariadne.

Ao funcionário José, “nunca lhe serviu de nada pronunciar o nome completo” (p. 19); colecionava notícias sobre pessoas do país que, por qualquer razão, se tornaram famosas. Faz lembrar o personagem de *O estrangeiro*, de A. Camus, com seu álbum de recortes: ambos são totais nulidades.

Um dia, José (que poderia ser o José de Drummond) escolheu cinco fichas de identificação e levou-as para sua casa. Lá chegando, viu que não eram cinco e sim, casualmente, seis fichas. Pelos dados anotados, pôs-se em busca da mulher cujo nome constava na sexta ficha e que, até então, lhe era desconhecida. Para isso, usou sua credencial de oficial do Registro Civil e, nem nos momentos de busca, declinava o sobrenome.

Foi à rua onde a mulher nasceu, descobriu a escola em que estudou sem muita sorte, pois “... na Conservatória Geral só existiam palavras ... não se podiam ver as caras, quando o mais importante era precisamente isso, o que tempo faz mudar, e não o nome, que nunca varia” (p. 112) “...a pele é tudo que queremos que os outros vejam de nós, por baixo dela nem nós próprios conseguimos saber quem somos...” (p. 157). José se recusou a usar a lista telefônica, ou o que se chamou “as finanças”. Extraía enorme prazer nas dificuldades da

LÉXICO E SEMÂNTICA

busca. Tendo descoberto que a mulher já estava morta, José foi ao cemitério, também um labirinto, sem muros, com a divisa *Todos os nomes*, embora esse título coubesse melhor à Conservatória, já que no cemitério não estão todos os nomes, e sim apenas os nomes dos falecidos. Depois de mais sofrimentos físicos, José ficou sabendo que jamais encontraria o túmulo, pois um pastor que ali cuidava de suas ovelhas, distraía-se trocando de lugar as placas de identificação. Consciente de que, no máximo, poderia resgatar o nome, nunca a pessoa, José aceita do chefe a incumbência de procurar o registro do óbito da mulher. Deve, porém, apagar esse registro, recolocando o nome da pessoa na divisão do nome dos vivos. Para isso, José precisou do fio de Ariadne.

Como diz o autor, “... a metáfora sempre foi a melhor forma de explicar as coisas” (p. 267). Assim nos mostra Saramago que nós usamos os nomes e os nomes nos usam de várias formas, podendo até triturar uma pessoa que não achou nada melhor a fazer de si mesma.

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES, *Poétique*. Paris: Éditions Mille et Une Nuits, 1997.
- BETTELHEIM, Bruno. *Na terra das fadas: análise dos personagens femininos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- MACHADO, Ana M. *Recado do nome*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1967.
- OLIVEIRA, Aileda de Mattos. “Antropônimo: a metonímia do poder, da liberdade, da coerção”, [Inédito].
- PARATORE, E. *Literatura de Roma*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PATTY, James S. "Prénom Carmen or the charms of etymology".
In: *Romance Notes*. NC: USA: University of North Caroline, 2001.
V. XLII.

PLAUTE. *Théâtre*. Paris: Flammarion, 1991.

PLAUTO. *A comédia latina*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1996.

SARAMAGO, José. *Todos os nomes*. S. Paulo: Schwarcz, 1997.

TÁCITO. *Obras menores*. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

VASCONCELLOS, J. Leite de. *Antroponímia portuguesa*. Lisboa:
Imprensa Nacional, 1928.

VICTORIA, Luiz A . P. *Dicionário ilustrado de mitologia*. Rio de
Janeiro: Tecnoprint, s/d.